

Celebrar a Palavra de Deus na Liturgia

(Texto de apoio utilizado na 1ª formação em Liturgia com vistas no 15º Intereclesial das CEBs)

1. Introdução

O presente texto tem por objetivo refletir sobre alguns elementos que dão fundamento à Liturgia da Palavra no corpo das celebrações litúrgicas católicas. Como sabemos, nenhum sacramento ou sacramental é celebrado sem que se proclame a Palavra de Deus. Contudo, é possível identificar uma maior elaboração da estrutura ritual no Ofício Divino (Liturgia das Horas) e na Liturgia da Palavra como parte integrante da celebração eucarística. Embora não nos aprofundemos sobre nenhum deles especificamente, queremos, como quem sobrevoa, mas também como quem mergulha até o mais profundo, evidenciar a natureza da liturgia da Palavra.

2. Por que ler a Sagrada Escritura na Liturgia?

Para quem crê em Jesus, a leitura da Escritura não tem como finalidade, em primeiro lugar, o estudo, mas busca o encontro com a Palavra viva, Jesus, o Verbo, Filho de Deus. O método de ler a Bíblia que herdamos do judaísmo, ao Igreja deu o nome de leitura orante [lectio divina], é um método de oração, cuja fonte é a Palavra.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que a oração é 'lembrança de Deus', capaz de despertar a 'memória do coração', o nosso ser profundo. E afirma que "devemos lembrar-nos de Deus com mais frequência do que respiramos. Mas não se pode orar 'em todo o tempo se não se orar em certos momentos" [Cf. CIC n. 2697].

Por isso, para alimentar a oração contínua de quem deseja trilhar o caminho da oração, "a tradição da Igreja, propôs aos fiéis ritmos fundamentais da vida de oração. No cotidiano: a oração da manhã e da noite (piedade popular), a oração à mesa na casa, a liturgia das horas; no ritmo semanal, a celebração do Domingo centrado na Eucaristia; e no ciclo do ano litúrgico as grandes festas e os tempos que as precedem e prolongam [Cf. CIC n. 2698].

Por que a liturgia é importante? Porque ela é o permanente lembrar de Deus. Não um Deus abstrato, mas um Deus que agiu na história dos nossos antepassados judeus e cristãos. Escutamos a Leitura das Escrituras, justamente para recordar os feitos de Deus e dedicar a ele nosso louvor e gratidão. E a liturgia é o lugar privilegiado para acolher a Palavra porque é a fé da Igreja em ação. Na liturgia não apenas escutamos, mas fazemos experiência da Palavra, porque nela corpo e espírito, o ser humano na sua inteireza é envolvido como sujeito de experiência interagindo com o Deus que se manifesta como Deus da nossa salvação.

3. Na forma da oração, o rito

Na tradição de Israel, o *Shemá*, a confissão de fé mais importante do povo, é oração de todos os dias. Nós a encontramos em Deuteronômio 6.4-9:

Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Portanto, amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua força. Que as palavras que hoje te ordeno permaneçam em teu coração! Tu as inculcarás a teus filhos e falarás delas estando em casa e andando em teu caminho, deitado e de pé;

tu as atarás ao teu punho como um sinal, serão com um sinal entre teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas.

Esta oração judaica, recebida de Deus, deve ser repetida cotidianamente em todas as circunstâncias da vida. Desse modo, ela entra no coração e na mente, e é transmitida de geração em geração. A repetição, a internalização e transmissão, já previstas no texto, são elementos que constituem práticas rituais. Portanto, o *Shemá* já indica o esquema ritual como transmissão da fé judaica. Diante deste fato, podemos perguntarmo-nos: seria este o motivo pelo qual ritualizamos? Ou mais: o que justifica, em nosso caso, ritualizar a Palavra de Deus para celebrá-la?

Uma hipótese que nos parece bastante pertinente para responder a estas questões foi levantada Claude Rivière em seu livro *As liturgias políticas*¹. A tese do sociólogo (ritólogo?) diz que o rito existe para dar confiabilidade às palavras. Para confirmar, por meio da experiência de cada um que participa do rito, as palavras ditas. As palavras são dúbias e, por vezes, traiçoeiras. Mas, para além disso, elas comunicam somente pela via verbal. E esta se coloca em diálogo unicamente com a dimensão racional humana. O rito, por sua vez, comunica a todos os sentidos – tato, olfato, paladar, visão e audição – e, assim, coloca no jogo da comunicação, além da dimensão racional, as dimensões corpórea e emotiva humanas².

O fato é que a nossa cultura supervalorizou a razão e desvalorizou o corpo e as emoções humanas³. Como o rito é, essencialmente, corpóreo – já que é produzido pelo corpo e dialoga com os sentidos dele –, o rito também foi desvalorizado. É importante termos consciência disso, já que não são raras as vezes em que ouvimos alguém dizer “isso é só rito, não tem muita importância”, ou pior, quando celebramos os ritos sem dar o devido valor a eles. Se o rito não tivesse valor, Jesus não teria iniciado seu ministério pelo batismo e, tampouco, celebrado uma ceia ao final, deixando aos discípulos o mandamento: “Façam isso em memória de mim!” (Lc 22,19).

Na experiência cristã, o rito existe para fazer com que um fiel de qualquer tempo histórico possa experimentar um evento salvífico originário⁴. A ceia eucarística que celebramos, por exemplo, é a possibilidade de experimentarmos aquilo que os discípulos experimentaram ceando com o Senhor. O batismo, feito por imersão, é a possibilidade de experimentarmos a morte com Cristo e o ressurgimento com Ele. Por se tratar de experiência, o rito é sempre imersivo. Ele não permite que somente o assistamos como expectadores de um teatro, mas, nos coloca nossos corpos (com suas emoções e razão) dentro do jogo ritual. Bonaccorso (2015), lembrará, por exemplo, que o rito do batismo é nossa imersão em Cristo, e a eucaristia, a imersão de Cristo em nós.

O rito entrelaça profundamente a ação corporal, a emoção sentida e a razão elaborada⁵. Por isso, liturgia é sempre movimento e participação. A própria palavra *liturgia*

¹ RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

² BONACCORSO, Giorgio. *Rito*. Pádova: EMP, 2015.

³ Cf. o II capítulo do livro *Beber no próprio poço* de G. Gutiérrez. O teólogo desenvolve uma reflexão sobre o corpo, que era considerado, na tradição judaica, como a unidade que é a pessoa humana inteira. No transcorrer da história, o contato da tradição judaico-cristã com o pensamento grego, de base dualista, fez emergir uma nova compressão sobre a pessoa. Ela passou a ser entendida como um ser dual, uma soma de corpo (ligado aos desejos) e alma (ligada ao intelecto). A espiritualidade cristã que adveio desse entrelaçamento passou a considerar o corpo como cárcere da alma. Esta divina, aquele lugar do pecado.

⁴ Para aprofundar sobre o tema Cf. MAZZA, Enrico. *A mistagogia: as catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*. São Paulo: Loyola, 2020. E ainda, o mesmo tema, mas, sob a visão de um sociólogo: CAZENUEVE, Jean. *A sociologia do rito*. Porto: Rés, S/d.

⁵ Concordam sobre esse ponto os seguintes autores nas respectivas obras: BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011; BONACCORSO, 2015 (Op. Cit.);

indica isso: não se trata de uma *logia* (como na teo-logia, ou na antro-po-logia), isto é, de uma ciência, de um saber, mas, sim de uma *urgia*, uma ação, um fazer que abarca todo nosso corpo, nossas emoções e nossa inteligência.

4. No corpo do rito, a Palavra

Existem, basicamente, dois modos de conhecer alguma coisa: a descritiva e a narrativa. Do ponto de vista descritivo, uma mãe, por exemplo, pode ser definida como “uma mulher que gerou um filho”. As descrições apresentam características passíveis de serem quantificadas, reproduzidas... Na perspectiva narrativa a experiência de cada pessoa é sempre levada em conta. E a mesma palavra “mãe” pode desencadear memórias e sentimentos que buscam revelar uma experiência vivida. Nesse sentido, as narrativas operam de modo similar aos ritos, já que ao narrar, inserem de algum modo o interlocutor na história contada. A Bíblia é quase toda narrativa justamente por isso: para que nos insiramos e nos reconheçamos na história do Povo de Deus que ela narra. Os ritos e as narrativas não apenas relatam, mas nos colocam dentro da história contada. Permitamos-nos fazer uma experiência com uma narrativa:

Quando chegamos a Ribeirão, logo nos sentimos atingidos por um certo clima de terror que pairava sobre o lugar. Mesmo assim, o povo celebrava as festas da Padroeira. Naquela tarde o Pe. João Bosco acompanhou o povo, rezando e cantando, na procissão ao riacho local onde se abençoou a água do batismo. A escuridão que chegava, a areia da rua, o terror perceptível no ar, no silêncio, nos acompanhava. Sem um ai, o mártir – o mártir sim! – caiu, esticado, pensei que morto. O ar congelou-se, e a noite. Entretanto, o padre João Bosco vivia, consciente e generoso, sua agonia de mártir, forte, sofrido, em oblação. Invocou várias vezes o nome de Jesus. Ofereceu várias vezes seu sofrimento pelos índios, pelo povo. Recebeu a unção de minhas mãos, lícido e fervoroso. Em latim, porque ele rezava em latim o seu breviário, até o último dia. Recordei-lhe, uma e outra vez, que o dia seguinte era festa de Nossa Senhora Aparecida, e ele assentia e oferecia de novo a sua dor. Apertava minha mão, a mão do Pe. Máximo. Brincou com este, ainda de palavra. Nunca quis cuspir no chão ou na parede, nem a pedido do médico, sempre comedido em seus gestos. Sua última palavra inteligível foi a palavra de Paulo: “Acabei minha carreira”, ou a palavra do próprio Jesus: “Tudo está cumprido”. Tentou em vão levantar-se e disse, solene: “Dom Pedro, acabamos a nossa tarefa”. Depois..., já mais de 10 horas, noite e expectativa afora com o padre respirando como um motor cansado, pela desastrada estrada do Xingu, a procura de um táxi-aéreo. Foram quatro horas de mortal ansiedade. O Pe. João Bosco foi santificando a sua vida, oferecendo ao vento da noite e a Deus, aquelas estradas, aquelas fazendas, onde tantas vidas humanas, anônimas, sofreram e foram sacrificadas. Foi aquela uma via-sacra de redenção pelos caminhos da Amazônia Legal, pelas terras dos índios, dos posseiros, dos peões. Às 5 horas da madrugada o Pe. João Bosco estava com o cérebro já “morto” (Morreu mesmo no dia 12, lá pelas 5 da tarde). E todos sentimos que aquela vida imolada virava testemunho e comoção. Era um missionário entre os índios que morria, e morria por libertar da tortura duas pobres mulheres do povo do interior. Durante a missa, a camisa ensanguentada do mártir foi colocada num canto da igreja com uma inscrição abaixo “Sem

derramamento de sangue não há libertação”. As leituras da missa foram dos Atos dos Apóstolos 10,34-43. “Nós somos testemunhas de tudo. Eles o mataram suspendendo-o num madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia...”. Um editorialista de “O Estado de S. Paulo” não iria entender por que se apresentavam na igreja as camisas do padre manchadas de sangue, nem porque se traduziria “remissão” por “libertação”, que é, para nós, uma remissão plena. O povo é quem entende dos seus mártires... Um jornalista chorou, na missa, quando alguém disse que ‘a liberdade se compra com sangue e a vida nasce da morte’. Ele entendeu. Os padres jesuítas divulgaram um ótimo documento que, entre outras lições de humildade e de compromisso, agradece aos índios, aos posseiros e aos peões, porque educaram ao Pe. João Bosco no Evangelho. Esses também entenderam. Quando enterrávamos o corpo-semente do Pe. João Bosco, missionário e mártir, perto de uma cerca de arame farpado – símbolo de todas as cercas do latifúndio que oprimem o povo de nossa Amazônia – Deus pôs um sinal no céu: o arco-íris cingiu de Glória e de Paz a nuvem escura que flutuava entre o sol e a terra naquela hora.⁶

Podemos perguntarmo-nos como este relato ecoa em nossos corações, e eu nossos corpos? Em quais direções se movem os nossos sentimentos?... Este assassinato poderia ser apenas mais um entre tantos outros e cair no esquecimento. Mas, o olhar da fé percebeu a presença e a manifestação de Deus naquele fato e narrou a experiência. A narração conta com a descrição, mas para inserir o leitor no ambiente e não para dizer como foi a experiência vivida. A narrativa não se preocupa que o interlocutor repita a mesma experiência do narrador, mas, sim, que faça a sua experiência diante do mesmo fato.

Assim também foi escrita Bíblia. A memória contada de geração em geração e, depois, escrita, dos fatos que foram reconhecidos como os passos de Deus na história do povo. É por isso que a Palavra, proclama no meio da assembleia litúrgica, no coração do rito, tem a força de colocar o povo na presença de Deus, suscitando reverência e compromisso. E foi Jesus mesmo que ensinou a celebrar a liturgia da Palavra. O relato de **Lucas 4,14-21** apresenta Jesus, na sinagoga de Nazaré, em dia de sábado, logo depois da provação no deserto. O Espírito que pousou sobre ele no Batismo e o conduziu ao deserto, está com ele quando faz a leitura do livro da profecia de Isaías. É a única vez que Jesus aparece nos evangelhos lendo as Escrituras. Em Lucas, a segunda ação pública do ministério de Jesus acontece numa sinagoga, quando ele lê a profecia de Isaías. Jesus dá voz à profecia de Isaías de modo que a palavra escrita se torna Palavra viva, na sua pessoa.

Esta liturgia é, para nós, a instituição da liturgia cristã da Palavra. O Verbo, leu as Escrituras e desde aquele “hoje” esta é a maneira como os cristãos as leem. A Escritura precisa de uma voz. Ao leitor cabe dar voz à palavra escrita. Ler a Escritura na assembleia litúrgica é muito mais que ler em voz alta, é dirigir a palavra viva a uma comunidade viva. Conforme a perspectiva de Rivière, a leitura da Palavra dentro do corpo ritual da comunidade tem a função de dar confiabilidade a ela. De fato, a SC 7 é enfática ao afirmar que quem fala na liturgia é o próprio Cristo. Tudo isso reforça nossa compreensão de que não basta conhecer a Escritura, é preciso fazer experiência com a Palavra, ouvir o próprio Cristo que fala. Isso, se faz, obviamente, na celebração comunitária.

5. Consideração finais

⁶ CASALDÁLIGA, Pedro. Martírio do Pe. João Bosco Penido Burnier. São Paulo: Loyola: 2006, p. 13-20 [com supressões].

Tentamos, com a argumentação empenhada aqui, sublinhar os seguintes pontos acerca da Liturgia da Palavra: 1) a liturgia, de modo geral, é oração (parece óbvio demais, mas, por vezes, frequentamos, preparamos, presidimos... celebrações que não dão a perceber que a intenção delas é orar comunitariamente – seja pela mecanicidade, seja pela falta de zelo e preparo); 2) a oração cristã é mediada por ritos, então os ritos são fundamentais e não elementos superficiais. É preciso prepará-los bem, entendê-los bem, vivenciá-los bem... de modo que toda a comunidade celebrante experimente, de fato, o Cristo que lhe fala; 3) a Palavra de Deus é celebrada de modo ritual – por isso há que se cuidar de coisas como o espaço, a postura e a entonação do leitor ao proclamar, entre outras coisas. Tudo o que, algumas vezes, tomamos como supérfluo, na verdade é o que contribui efetivamente para que a experiência de ouvir o Cristo que fala se realize em nós.

Penha Carpanedo
Daniel Carvalho